

Igreja Lusitana

CATÓLICA, APOSTÓLICA, EVANGÉLICA

Número único dedicado ao Primeiro Congresso desta Igreja

PROPRIEDADE DA IGREJA LUSITANA

EDITOR:

Rev. Belarmino J. Vieira Barata

REDACTORES:

Dr. Leopoldo Figueiredo
Rev. A. Pinto Ribeiro Júnior
José Ferreira de Souza Jr.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Rua Quatro de infantaria, 70, 1.º
LISBOA



MONUMENTO AO REV. DIOGO CASSELS

Em Villa Nova de Gaia

Primeiro Congresso
da
IGREJA LUSITANA
CATÓLICA, APOSTÓLICA, EVANGÉLICA

A realizar em Lisboa, nos dias 22, 23, 24 e 25 de Junho de 1939

COMISSÃO ORGANIZADORA :

Presidente : *Rev. Belarmino J. Vieira Barata*

Secretário : *Dr. Leopoldo de Figueiredo*

Tesoureiro : *Rev. A. Pinto Ribeiro Júnior*

Vogais : *Josué Ferreira de Souza Júnior*
Liberto Figueiras Franco

SÉDE : Rua Quatro de Infantaria, 70-I.^o
LISBOA

SUB-COMISSÃO DO NORTE :

Presidente : *Rev. Agostinho F. Arbiol*

Vogais : *Custódio dos Santos*

Vidal V. dos Santos

Luiz M. Crespo

Manuel Filipe Júnior

SÉDE : Rua Barão de S. Cosme, 223
PORTO

Esbôço do programa do Primeiro Congresso da Igreja Lusitana, Católica, Apostólica, Evangélica

Quinta-feira, 22 de Junho

às 16 horas,

Nos Marianos :

Recepção aos Congressistas, Distribuição dos distintivos e programas, Abertura da Exposição.

às 17 horas,

Chá aos Congressistas.

às 21 horas,

Na Igreja Lusitana Evangélica de S. Pedro, às Taipas :

Culto de Abertura.

Sexta-feira, 23 de Junho

de manhã,

Romagem às sepulturas de alguns pioneiros da Igreja Lusitana.

de tarde :

Sessões de trabalhos.

à noite :

Sessão plenária.

Sábado, 24 de Junho

de manhã :

Excursão.

de tarde :

Sessões de trabalhos.

à noite :

Sessão plenária.

Domingo, 25 de Junho

às 16 horas,

Na Igreja Lusitana Evangélica de S. Paulo, aos Marianos :

Culto de encerramento. Leitura das conclusões

Para mais esclarecimentos, queiram dirigir-se à
Comissão Organizadora ou à sua Sub-Comissão do Norte

RAZÃO DE SER

A IGREJA LUSITANA teve, em tempos, como seu órgão oficial, *O Evangelista*, e, mais tarde, *O Cristão Lusitano*. Presentemente, não tem qualquer dêsses auxiliares, motivo que levou a Comissão Organizadora do seu 1.º Congresso a publicar o presente *número único*, não só como mais uma manifestação vital e espiritual de uma das mais antigas comunhões evangelísticas em Portugal, como pôr em evidência que a IGREJA LUSITANA CATÓLICA APOSTÓLICA EVANGÉLICA não é estrangeira, herética ou romanizada, mas que a sua finalidade é: CRISTÃ e NACIONALISTA.

Isto, pela razão de a nossa comunidade, se considerar:

IGREJA: porque se esforça por ser uma Assembleia de eleitos por DEUS, remidos unicamente pelos méritos do SANGUE derramado por JESUS, fazendo, portanto, parte do Corpo que tem por Cabeça a CRISTO, se reúne e une em adoração a DEUS TRINO, *Espírito e Verdade*, não fazendo acepção entre pobres ou ricos, letrados ou iletrados, mas possuir almas que, regeneradas pelo Poder



Rev. Dr. Godofredo Pope
1.º Presidente do Sínodo da Igreja Lusitana Era natural da Irlanda e foi capelão da Igreja Britânica em Lisboa. — Faleceu em 1902.

do ESPÍRITO SANTO, apelam, em matéria de Fé, para as SAGRADAS ESCRITURAS, Velho e Novo Testamento;

LUSITANA: porque, como diz, desde 1884, no *Préface* do seu *Livro de Oração Comum*, não pretende «fundar uma nova religião. Queremos tão somente expurgar a RELIGIÃO CRISTÃ das corrupções seculares, reivindicar as liberdades da PRIMITIVA IGREJA LUSITANA — por tanto tempo sujeita ao jugo estran-

geiro de Roma — e difundir por todo o País uma doutrina que seja Católica e Apostólica, numa IGREJA PORTUGUESA e não romana»;

CATÓLICA: porque faz parte da IGREJA CRISTÃ universalmente espalhada, obediente aos dois únicos Sacramentos instituídos por CRISTO — Baptismo e Ceia do Senhor —, admitindo no seu grémio só aqueles que, obedecendo ao ensino de JESUS, se apartam de seitas — scismáticas ou heréticas — às quais repugna a unidade cristã ou a tornam divisionária;

APOSTÓLICA: porque, obediente ao mandato imperativo do dia da Ascensão, procura discipular todos quantos não conheçam a CRISTO, *Filho-*

-de-Deus-Vivo, e, quando contritos dos seus pecados e influenciados pelo Poder do ESPÍRITO SANTO, confirmam a sua fé, provando assim a sua regeneração, admite-os à Comunhão da Igreja, para o que conserva o episcopado, ou seja o rito das ordens apostólicas de diácono, presbítero e bispo ;

EVANGÉLICA: porque, dentro das suas Congregações e Missões quere, como único argumento de regeneração e salvação, a pura Palavra de DEUS prégada, e não a Palavra de DEUS puramente prégada, para o que usa a BÍBLIA, expurgada dos livros apócrifos, os quais a Igreja Primitiva, como diz S. Jerónimo, não applicava «para estabelecer doutrina alguma».

Sinteticamente exposta a razão de ser da IGREJA LUSITANA, o seu I.º Congresso, em seus trabalhos e estudos, melhor a esclarecerá, dentro das dinâmicas divisas :

Verdade Evangélica, Ordem Apostólica,
Unidade na Certeza, Liberdade na Dúvida,
Caridade em Tudo !

A. Pereira Araújo

Origem do Culto aos Santos

pelo Rev.º J. Santos Figueiredo

Para bem se compreender uma religião será de grande utilidade visitar os povos que a praticam. Suponhamos que um filósofo de qualquer país asiático, conhecendo o Cristianismo simplesmente pela leitura das Sagradas Escrituras, quisesse estudar *de visu* a religião do divino sábio da Galileia. Certamente viria até aos países da Europa ; e, havendo a sua alma recebido a sugestão de que o puro Cristianismo se encontra na Igreja católica romana, seria pelas nações mais fortemente orientadas por esta Igreja que êle principiaria os seus estudos. Lendo êsse asiático com profunda atenção o Novo Testamento de Jesus Cristo, onde se acha claramente exposta a religião cristã, onde se encontra a declaração de que Deus é Espírito e em espírito e verdade o devem adorar os que O adoram, êle principiava por não compreender tanta coisa contrária aos ensinamentos evangélicos. E devendo êle conhecer os Dez Mandamentos da Lei de Deus, conforme estão escritos no capítulo vigésimo do Livro do Exôdo, o segundo dos quais prescreve que os crentes em Deus não devem adorar nem prestar qualquer culto às imagens de escultura ou qualquer figura do que se vê no céu ou na terra, ficaria admirado, vendo em todos os templos católicos romanos e sobre vistosos altares inumeráveis *santos* ! Como havia de explicar o pobre filósofo o estranho facto, sabendo que os profetas e o sal-

mi ta fo m sempre, a respeito da idolatria, muito severos nas suas expressões condenando o culto que afastava as almas de tôda a união espiritual com o Senhor Omnipotente e infinitamente misericordioso. Com efeito, no Salmo 97 se diz: *Confundidos sejam todos os que servem imagens de escultura, que se gloriam de ídolos.* E o grande profeta Isaías descreve no cap. 44 a insensatez dos que fazem imagens para serem adoradas ou ser-lhes dedicado qualquer culto, asseverando que êsses tais nada sabem nem entendem; porquanto (vers. 19) *«nenhum dêles toma isto a peito, e não têm conhecimento nem entendimento para dizer: metade (do cêpo) queimei no fogo e cozi Fão sôbre as suas brazas, e assei com elas a carne e a comi: e faria eu do resto uma abominação? Ajoelhar-me-ia eu diante do que saiu duma árvore?»*

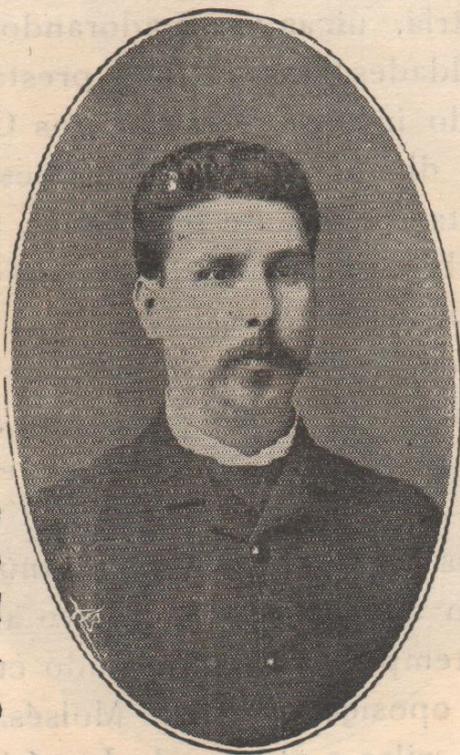
E para maior esclarecimento sôbre o assunto que o tal sábio da Ásia andava estudando, êle veria, percorrendo cidades, vilas e aldeias, aparatosas procissões, em que são passeadas pelas ruas ricas imagens ornamentadas com flôres, cordões de ouro, e belos mantos, ajoelhando o povo à sua passagem!

Tudo isto havia certamente de produzir no seu espírito grande confusão, não achando concórdia alguma entre o Cristianismo de Jesus Cristo e tôdas essas manifestações idolátricas que êle presen-

o acreditavam, e por isso foi fácil àqueles artífices excitar o povo crédulo contra Paulo e os seus companheiros. A razão para os ourives era o receio de fracassar o negócio que êles faziam, vendendo em grande quantidade as imagens da deusa, que tinham tanto valor como aquela que a cidade de Éfeso guardava no grandioso templo; e que era filha de Júpiter.

Êsses ourives eram pagãos, tinham essa desculpa, pensaria o tal filósofo; mas era incompreensível o que os seus olhos viam em países cristãos, estando isso longe de ser o Cristianismo de Jesus e seus Apóstolos.

O sábio tinha razão. E agora o leitor quererá saber como se introduziu



Rev. Cândido J. de Souza

2.º Presidente do Sinodo da Igreja Lusitana — Nasceu no Pôrto em Março de 1855 — Presbítero e Pastor da Igreja Lusitana de S. Paulo-Lisboa — em 1880 — Presidente do Sinodo em 1902 — Faleceu em 1905.

ciava em tôda a parte. E lembrar-se-ia de ter lido nos Actos dos Apóstolos a narrativa dum caso de idolatria, que bastante amargurou a alma de S. Paulo. O caso foi assim: uma vez, em Éfeso, os ourives da prata, guiados por um certo Demétrio, fizeram grande alarido contra a nova doutrina, que se prégava, accusando o Apóstolo de ter dito que não eram deuses os que se faziam com as mãos. E nêsse grande tumulto gritavam os ourives cheios de ira: grande é a Diana dos Efésios! A imagem da deusa Diana, venerada em todo o mundo, tinha caído do Céu, assim

no Cristianismo o culto dos santos, e se puseram nos altares as suas imagens, sendo tão claras as palavras de Jesus sôbre a espiritualidade da Sua religião.

O homem é naturalmente pagão. Foi preciso mandar Deus ao mundo Jesus Cristo para o espiritualizar. O reformador Calvino, na sua obra *Institution Chritienne*, apresenta esta grande verdade: «a alma do homem é um estabelecimento, onde se fabricam ídolos em todos os tempos». A êste respeito há factos muito impressivos na história do povo israelita. No deserto, os israelitas, já livres de tôda a má influênciã da religião dos egípcios, e sabendo que não havia outro deus além do Criador do Céu e da terra, caíram no peccado de fundir um besêrro, na ausência de Moisés, exclamando perante essa imagem: eis aqui o nosso deus que nos tirou da terra do Egipto! E depois de estabelecidos os israelitas na Palestina, quantas vezes manifestaram êles as suas inclinações para a idolatria, umas vezes adorando a Baal, cujo culto era um misto de loucuras e crueldades; outras vezes prestando culto a Moloch, deus do fogo: aqui, queimando incenso à Rainha dos Céus e oferecendo-lhe libações, acolá, curvando-se diante de Astaroth, deus dos sidónios, e diante de Camos, deus dos moabitas, e diante de Milkon, deus dos filhos de Amon! O próprio Salomão, rei sábio, pervertido pelas suas mulheres idólatras, esqueceu-se do Deus de Abraão, de Isaac, e de Jacob!...

Apareceu no andar dos tempos Jesus Cristo na Terra, e principiou as suas prègações de espiritualidade religiosa, dizendo: *ao Senhor teu Deus adorarás, e a Êle só servirás*. E dirige-se às multidões com estas palavras: *Arrependei-vos, e crêde no Evangelho*.

Quando os Apóstolos correram o mundo, annunciando as boas novas de salvação, encontraram em tôda a parte o pôvo adorando deuses diferentes daqueles a que noutros tempos tinham prestado culto os seus antepassados, quando queriam viver em opposição à Lei de Moisés.

Em tôdas as cidades, vilas e aldeias do Império Romano eram adorados innumeráveis deuses, uns de mais elevada categoria do que outros. Entre gregos e romanos, as principais divindades eram: *Júpiter*, o pai e mestre dos deuses com os do seu Conselho, que eram *Juno*, sua esposa, *Diana*, deusa da caça, tendo também o nome de Proserpina, *Minerva*, deusa da sabedoria, *Marte*, deus da guerra, *Venus*, deusa da formosura, *Apolo*, deus do sol, *Mercurio*, deus dos commerciantes, e mensageiro dos deuses, sendo por esta razão alípede, *Vulcano*, o fabricante de raios para Júpiter, *Vesta*, deusa do fogo da terra, e *Ceres*, deusa da agricultura.

Também eram contados no número dos grandes deuses: *Saturno*, que simbolizava o tempo, *Plutão*, o deus das regiões infernais, que tinha à porta do inferno o Trifâncis, cão de três cabeças, *Baco*, deus do vinho, *Cibele*, deusa cujos sacerdotes não podiam casar-se, etc..

Havia ainda os deuses *Penates*, que ajudavam a conservar e a aumentar

os bens domésticos, e além disso eram protectores dos impérios, das cidades, dos caminhos. Entre êstes havia os *Lares*, protectores das famílias, os *Hostilios*, que velavam pela segurança das cidades, etc..

Para dirigirem o culto que se rendia a cada um dêstes deuses, havia diversas espécies de sacerdotes: os soberanos pontífices, os harúspices, os agoureiros, os sális, e, além de muitos outros, as vèstais, virgens sacerdotizas, que deviam conservar sempre acêso o fôgo sagrado no altar da deusa Vesta.

Os idólatras recorriam aos deuses da sua devoção, ou quando precisavam dos seus auxílios, ou quando desejavam alcançar favores celestes. Assim a deusa *Fluónia* era invocada nas moléstias; *Loemios* livrava da peste; *Mercúrio* era advogado dos comerciantes; *Termo* prestava auxílio aos proprietários dos campos; *Sumavo* afugentava as trovoadas; *Himeneu* presidia às bodas; *Eolo*, o deus do vento; *Cupido*, o deus do amor; *Oro*, o deus da la-



Rev. Joaquim dos Santos Figueiredo

3.º Presidente do Sinodo e 1.º Bispo-Eleito da Igreja Lusitana — Nasceu em Coimbra em 1865 — Abjurou o Romanismo em 1892 — Presbítero e Pastor da Igreja de S. Paulo-Lisbôa em 1899 — Presidente do Sinodo em 1905 — Bispo eleito em 1922 — Faleceu em Agosto de 1937. —

voura; *Apolo*, o protector dos músicos; *Didalo*, o deus dos artífices... Em summa, cada deus tinha lá a sua especialidade na cura dos males que affligem a humanidade, ou na distribuição de graças pelos respectivos crentes.

Esta idolatria appareceu modificada nos campos do Cristianismo. Nos primeiros três séculos, o tempo de terríveis perseguições, que os imperadores romanos, sob a influencia dos sacerdotes pagãos, decretaram contra os cristãos, conser-

vava-se mais ou menos pura a Religião de Jesus Cristo. Mas, nos séculos que se seguiram, foram penetrando nos campos do Evangelho as ideias pagãs. E nos concílios se procurava afastar êsse mal. Quando governava em Roma o imperador Constâncio Chloro, effectuou-se no ano 305 um célebre concílio na antiga *Illiberis* (Elvira), perto da qual se edificou mais tarde a cidade de Granada. Nêste concílio, que nos revela o estado do Cristianismo nêsse tempo, faz-se referênciã à introdução da idolatria nalguns lugares sob a forma de pinturas. Proíbe-se no canon 36 que seja pintado nas paredes das igrejas o que é venerado ou adorado. E essa proibição era necessária, para que se pudesse

vêr logo a diferença entre os templos pagãos, onde se ostentavam as imagens sôbre os altares, e os templos cristãos, lugares simples de prègação do Evangelho e concentração espiritual. Pelo facto de não haver imagens algumas nas casas de oração, foram muitas vezes acusados de ateus os cristãos daqueles tempos!

Vê-se pois que já no princípio do século IV havia o receio de que a idolatria pudesse vir a alterar a água salutar do Cristianismo. O receio era justificado; mas, a-pesar-de todos os cuidados, começaram os ritos pagãos a exercer nociva influência sôbre as igrejas cristãs por motivo dum extraordinário acontecimento. O imperador Constantino Magno, no ano 313, fez-se cristão, declarando religião oficial do Império Romano o Cristianismo. Ora, se é certo que a Religião Cristã era imensamente seguida em todo o mundo, é também verdade que a grande maioria do povo romano ainda estava muita prêsa à religião politeísta, essa religião que depois foi chamada pagã. O imperador Constantino era cristão à sua maneira. E como êle perseguia, depois de *convertido*, aqueles cujos êrros antes abraçava, fizeram-se também cristãos, sem realidade espiritual, inumeráveis pessoas, cujos costumes, ideias e crenças eram inteiramente pagãs. A influência da posição também concorreu para aumentar o número dos *convertidos*. Muitos quiseram ser cristãos, visto que o imperador o era. E para que fôsse ainda mais numeroso o povo cristão, passaram para o Cristianismo muitas festas que se celebravam em honra dos deuses. «Os pagãos, diz Newton, achavam prazer nas festas aos seus deuses, e não queriam privar-se dêsses divertimentos; e então, para facilitar a sua conversão, foram instituídas festas em honra dos santos e dos mártires». Ao princípio seria tudo feito com certa prudência, para não escandalizar os verdadeiros crentes no Evangelho, mas no decorrer dos anos puderam os pagãos exercer largamente a sua acção corruptora nos centros cristãos.

Todos êsses deuses a que já me referi, e muitos outros, que, na opinião da gente pagã, curavam mil doenças ou evitavam mil flagelos, foram transportados para o Cristianismo com outros nomes. E vê claramente tudo isto quem tiver conhecimento do que era o paganismo, naqueles tempos de escuridão e escravidão, e conhecer os santos de hoje com as suas qualidades. Há livros católicos romanos, onde se acham os nomes de todos aqueles santos cujas virtudes curativas são assombrosas. No jornal as «Novidades» de 22 de Setembro de 1896, pode ser lido um artigo muito curioso, com esta epígrafe «*Os santos advogados, contra as doenças e contra as circunstâncias críticas da vida*». O artigo referes-e a um livro da autoria do arcebispo da cathedral de Moulins, e d'outro indivíduo, pertencente ao ministério de instrução pública em França.

E diziam as «Novidades» do dia acima mencionado: Vamos dar uma lista dos principais santos advogados, lista extraída do livro em questão:

«Contra as cólicas, por exemplo, há 18 santos; contra as convulsões, 10;

contra os maus partos, 70; contra as doenças de dentes, 20; contra os tumores, 15; contra as doenças das crianças, 85; contra a epilepsia, 37; contra as febres, 123; contra a loucura, 24; contra a sarna, 14; contra a gôta, 23; contra a doença da pedra, 20; contra as hérnias, 19; contra a hidropisia, 11; contra a lepra, 12; contra a tísica, 16; contra peste, 53; contra a hidrofobia, 17; contra o reumatismo, 15; contra a esterilidade, 27; contra as dores de cabeça, 49; contra as doenças dos olhos, 47, etc., etc.».

Em seguida o mesmo diário apresenta os nomes dos principais santos advogados. A lista, embora resumida, é ainda assim extensa, e por isso vamos indicar somente alguns:

Para a gordura excessiva — S. Milefortes.

Para partos difíceis — S. Daniel de Pádua, Santa Conegundes, etc..

Para queimaduras — S. Lourenço e S. Lázaro.

Para cólicas — St.^o Erasmo e St.^a Emeranza.

Para a consumpção — S. Pantaleão.

Para a tosse convulsa — S. Braz.

Para a diarreia — S. Germano de Auxerre.

Para a epilepsia — Os santos Reis Magos, S. João e outros.

E para livrar dos raios, há o Santo Aureliano e a St.^a Helena.

E para abrandar os génios fortes, tem fama o St.^o Arcádio.

E para fazer ganhar demandas, S. Ivo.

Em virtude de tanta facilidade na cura dos males do mundo, apetece perguntar: para que servem as escolas médicas e as farmácias?

A idolatria é um grande mal, inferioriza as pessoas que confiam nos santos. E por isso nos livros sagrados são condenados pelos profetas e pelos apóstolos os que recorrem àquelas figuras que nada podem, visto como têm olhos e não vêem, têm ouvidos e não ouvem, e têm pés, mas não andam.

Jesus Cristo é que veio ao mundo para nos guiar.



Rev. Frederico W. Flower

Actual Presidente do Sinodo da Igreja Lusitana — Nasceu em Vila Nova de Gaia em 1858 — Ministro da Igreja Lusitana do Redentor, Porto, durante mais de 40 anos — Presidente do Sinodo em 1937.

Para febres — S. Félix, St.^o António e outros.

Para doenças incuráveis — S. Judas Tadeo, e St.^a Rita.

Para doenças da língua — St.^a Catarina e S. Romão.

E são citados muitos outros que livram das conseqüências da embriaguez, da lepra, das dores de ouvido, da doença da pedra, da pleurisia, da varíola, da bilis, etc., etc..

Há também santos para facilitar os casamentos, e são eles Santa Úrsula, Santo António, e S. Luiz Gonzaga.

E Êle disse: *Eu sou o caminho, a verdade, e a vida: ninguém vai ao Pai senão por mim.*

E S. Paulo, a respeito do mesmo Jesus, nosso Divino Mestre, afirmava: *Há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem, o qual se entregou a si mesmo em preço da Redenção por todos.*

NOTA — Êste artigo foi escrito pelo Rev.^{mo} J. Santos Figueiredo, pouco tempo antes do seu falecimento e pertencia ao Sr. Roberto S. Canuto, que, como ainda o não tinha editado, bondosamente no-lo concedeu para o presente número único, pelo que lhe estamos muito reconhecidos. — A Redacção.

PRIMEIRO CONGRESSO DA IGREJA LUSITANA

pelo Rev. Belarmino J. Vieira Barata

Na história da humanidade, muitos congressos podemos contar, não me constando haver notícia do primeiro realizado. Sabemos, porém, de vários, alguns de magna importância, como aquele onde se estabeleceu o actual sistema métrico, o que definiu as unidades eléctricas e magnéticas, etc..

Congressos de medicina e cirurgia tem havido, com mais ou menos regularidade, nestes últimos tempos, todos bastante úteis à humanidade, visto os mestres poderem, ali, expôr os seus ensaios, os seus estudos, as suas conclusões, e apresentarem novos processos de cura.

Outros há de carácter mais restricto, uns de facto, outros sòmente na aparência, e neste segundo caso se encontra o nosso.

Os congressos nasceram da necessidade que o homem tem de conviver e transmitir ao seu semelhante os resultados da sua aprendizagem, ou de, recìprocamente, com êle aprender as conclusões da sua experiência.

Os congressos servem também, para estimular e activar a vida dos interessados nos assuntos propostos.

Foi com êste propósito: aprender, por um lado, e estimular, por outro, que a Comissão Permanente da nossa Igreja aprovou a proposta para a realização do seu primeiro Congresso, nomeando immediatamente a Comissão Organizadora.

Vai êle ter lugar nos dias 22, 23, 24 e 25 de Junho próximo, havendo já

Irmãos incritos, não só da Igreja Lusitana, mas também das suas Irmãs muito prezadas. Porém, o número dos inscritos está bem longe de ser o que era para desejar, em presença do número total dos filiados nas diferentes Congregações da Igreja Lusitana. Nem uma quinta parte está inscrita, e estamos já às portas dêsse empreendimento!

Não extranho o facto, pois é costume muito português deixar para amanhã o que se pôde fazer já hoje. É justamente porque os crentes evangélicos de Portugal não abdicaram ainda, a-pesar-de crentes, dêste vício da raça, que o conhecimento do Evangelho no nosso país continúa reduzido a alguns, poucos, milhares. E tão poucos, que nos aflige pensar no número calculado.

A êste «deixa ficar para amanhã» vem juntar-se o comodismo, numa das suas variantes. O pastor da igreja faz, o pastor diz, o pastor trabalha... e o pòvo descansa, e limita-se a ouvir os sermões, quando os ouve, porque, não poucas vezes, um sermão preparado e cuidado com todo o interêsse para determinado fim, é ouvido por um reduzido número, e o pastor tem o desgosto de vêr que o seu trabalho não é aproveitado. Que não suceda o mesmo com o nosso primeiro Congresso.

Grandes e importantes problemas estão já a ser estudados pelos Congressistas oradores. Bom é que o restante da Assembleia se interesse por êsses estudos, ouvindo as exposições, não como quem ouve uma música que deleita, ou uma prosa que se ouve por dever de ofício, mas sim acompanhando a audição com o raciocínio, meditando e estudando o que o orador disse, para não se limitar aos «bravos» da praxe e às palmas da cerimónia, mas preparando-se para discutir as téses, se o entender necessário, e, sôbre tudo, formulando o propósito firme, mas com aquela firmeza que compete a um cristão, de adoptar e praticar os ensinamentos colhidos.

No nosso Congresso não vamos estabelecer leis — visto êle não ter atribuições legislativas —, se interpretarmos o termo «lei» pelo da rígida ordenação que tem de ser cumprida; mas êle vai servir para melhor obedecermos, de futuro, à ordem divina de irmos pôr todo o mundo e prègar o Evangelho a tôda a criatura.

O nosso Congresso de Junho próximo vai abrir, se todos os crentes da Igreja Lusitana o compreenderem, uma porta larga para uma maior difusão do Evangelho em Portugal. Trabalhar pela Causa de Cristo é um dever que se impõe, e está acima de todos os deveres. E, no presente momento de incertezas, de dúvidas e receios pelo futuro, mais do que nunca devemos trabalhar pela disseminação da Palavra Divina. E não pensemos que um punhado tão pequeno de homens crentes tem o direito de pensar que não vale a pena tanta canseira. Não pensemos que menos vale a pena, ainda, visto esse punhado viver num dos países mais pequenos do mundo. Em primeiro lugar

A Aurora do Evangelho na Lusitânia

pelo Rev. A. Pinto Ribeiro Jor.

É sumamente útil para nós, crentes Evangélicos portuguezes, saber qual era a religião dos mais antigos habitantes da nossa terra, e saber também como é que o Cristianismo chegou até nós. Dizem muitos, quando se lhes fala na religião Evangélica, que não devemos abandonar a «religião dos nossos pais»; ora, se os nossos antepassados tivessem seguido êste princípio, nós ainda hoje teríamos a religião dos mais antigos lusitanos, que eram gentios, que eram pagãos...

Lusitânia era o nome dado pelos grêgos e romanos à província mais òcidental da Península Ibérica. A maior parte dessa província está hoje compreendida no território do nosso querido Portugal.

Os lusitanos — nossos antepassados — eram belicosos e destemidos. Segundo Deodoro Sículo (40 a. C.), «passavam pelo pòvo mais valente da Península». Quanto à sua religião, observavam o *Culto dos Mortos*, e tinham o *emprego de amulêtos* (espécie de talismans que usavam sòbre o peito, pendentos do pescôço, crendo que tinham a virtude de livrar de certos infortúnios), e, talvez, a *adoração dos astros*. Com a vinda, para a Península, dos Fenícios, dos Grêgos, dos Cartaginêses e dos Romanos, a primitiva religião da Lusitânia modificou-se, por influência das religiões dêstes povos. No tempo do predomínio romano (total sòmente, na Lusitânia, no ano 25 a. C.), adoptaram a religião dos vencedores, conservando, todavia, nas suas crenças e práticas religiosas, alguns vestígios da sua religião primitiva. Eram, pois, gentios, pagãos e politeístas.

Era noite, noite escura, para os habitantes da Lusitânia, como para os de todo o mundo. Sòmente alguns judeus crentes e fieis esperavam com fé o aparecimento do Messias, do Sol da Justiça, da “Luz para alumiar as Gentes”, segundo a frase de S. Simeão. Vinte e cinco anos após a conquista definitiva da Lusitânia, pelo imperador romano Octávio César Augusto, nasceu Jesus Cristo em Bethlehem de Judá.

Depois da ascensão de Cristo, o Seu Evangelho começou a dissipar as trevas que envolviam o mundo. Seguindo o movimento do sol, o Evangelho vinha do Oriente para o Ocidente. O fim do mundo òcidental era então, como ainda hoje é a «chave da Europa», a Lusitânia. De Jerusalém o Evangelho veio a Antioquia da Síria; daqui passou à Ásia Menor; da Ásia Menor à Macedônia e à Grécia (já na Europa!). Quando o grande Apóstolo das Gentes (S. Paulo)

estava, pela segunda vez, em Corinto, o Evangelho já tinha chegado à Capital do Império. De Corinto, S. Paulo, escrevendo aos cristãos de Roma, diz-lhes: «Quando partir para a «Spânia», irei ter convôscos...»; «...passando por vós irei à «Spânia» (Rom., XV: 24 e 28). Ora «Spânia» (Espanha) era o nome dado pelos grêgos a tôda a Península Ibérica, e a carta de S. Paulo aos Romanos foi escrita em grêgo. O grande Apóstolo pensava, pois, na evangelização da nossa terra! Eis, nesta santa intenção do Apóstolo, a Aurora do Evangelho na Lusitânia!

Noutras terras, já tinha amanhecido; para a Lusitânia raiava a aurora, alvorecia um dia novo e mais feliz.

Crêem hoje historiadores de reconhecida autoridade que o próprio S. Paulo, depois de julgado pela primeira vez e absolvido em Roma, deu cumprimento ao seu desígnio de visitar a Península Ibérica, tendo vindo até Mérida, capital então da Lusitânia, e sendo o pioneiro da sua evangelização. Não sabemos, porém, com absoluta certeza, se o Apóstolo das Gentes cá veio ou não. O que sabemos é que, no fim do século primeiro da nossa era e princípios do século segundo, já havia várias igrejas cristãs espalhadas pela Península.

Dizem que veio cá o Apóstolo S. Tiago, mas isso é pura lenda. Pinheiro Chagas, na sua História Alegre de Portugal, pg. 27, diz a êste respeito o seguinte: «Dizem até que veio aqui o próprio Apóstolo Sant'Iago, mas isso estou que são lérias; o que é certo, porém, é que ainda quási não havia bispos por êsse mundo de Cristo, e já Braga era bispado, tanto assim que se chama ao arcebispo de Braga arcebispo primaz das Espanhas, porque foi o primeiro que na Espanha houve».

Á aurora seguiu-se a manhã, a qual se tornou em dia perfeito. O Evangelho raiou, enfim, na Lusitânia e foi abraçado por muitos dos nossos antepassados, que não hesitaram em abandonar a «religião de seus pais», para se fazerem discípulos de Cristo. | E há aí tantos hoje, que seguem uma nova modalidade de paganismo politeísta, e que o não querem abandonar, por ser, dizem êles, a «religião de seus pais»!...

O Primeiro Congresso da Igreja Lusitana como meio de despertamento de novas energias

pelo Dr. Leopoldo de Figueiredo

Na história da civilização podemos encontrar, no esforço titânico de se atingir a perfeição, a harmonia, a alegria total e perfeita de viver, o pleno rendimento da inteligência e da força de realização humana, uma série de objetivos conquistados. O mundo tem melhorado, pela misericórdia de Deus, pelo Seu grande Amor. Deus nos diz: Trabalha que Eu te ajudarei.

Ainda há dias, conversando com um Amigo, em pleno Chiado, expus com energia a situação moral do mundo, a-pesar-de tudo o que vemos, melhor do que a do período da pedra lascada. As forças do mal existem. Elas ainda não sofreram alteração no seu absoluto. Mas a doutrina do Evangelho, a sublime fonte da vida em Cristo crucificado e ressurgido, modificou o coração duro do homem, trouxe luz à sua alma, fez-lhe compreender a realidade dos seus pecados, a concepção clara dos seus deveres para com Deus e para com os outros homens. O fermento bom dos fieis ao Senhor, dos que se negaram a si próprios e procuraram actuar em humilde obediência ao Espírito Santo, há-de no mundo obter os seus frutos — os frutos duma sociedade melhor, duma vida pura, duma felicidade completa.

É certo que o joio cresce e êle abafará os que estiverem dormindo e não trabalharem pelo aumento do Reino de Deus. A Igreja Cristã, no decorrer dos séculos, afastou-se da comunhão constante com Deus e assim se deixou arrastar pelas forças do mal, contrariando a acção do Espírito Santo, desviando as almas a ela confiadas do verdadeiro caminho — JESUS — e da Salvação que pelo Seu Sacrificio nos oferece na Cruz.

E os frutos maus dêste desvio inicial constituíram um atraso enorme no caminhar da civilização cristã. Mil e quinhentos anos foram passados e o mundo que se chamava cristão errava longe de Deus em corrupção e esquecimento da pura e santa doutrina do Evangelho.

Vem o grito da Reforma. A consciência humana acorda e em muitos corações renasce a confiança nas Santas Escrituras, a confiança no Único Salvador e Mestre, no Único Medianeiro entre Deus e os homens. Foi restaurada a antiga Igreja, a Igreja dos primeiros séculos, a Igreja na pureza da sua forma, na simplicidade do seu culto, na fidelidade da ortodoxia evangélica. E quantos benefícios podemos hoje ver nos países que aderiram a êste movimento, benefícios de ordem social, de ordem moral, de ordem material! É dêstes países

que têm saído, em sua maior parte, os clamores mais enérgicos a favor da Paz, contra a guerra.

Em Portugal, a aceitação dos princípios evangélicos teve o seu início há um século, em 1839, nas célebres reuniões de rito episcopal do Rev. Dr. Gómez, na Rua Nova do Almada, cujo registo de baptismos e casamentos está guardado nos arquivos da Igreja de S. Paulo.

E como a Igreja, aqui na Península Ibérica, neste recanto da Lusitânia, até ao séc. VIII, antes da Invasão dos Sarracenos, se conservou pura, longe de Roma e dela desligada, algumas congregações evangélicas, em 1880, se reuniram e resolveram restaurar a antiga Igreja Lusitana nos mesmos moldes do culto ao Senhor, nosso Deus, usado naqueles remotos tempos pelos nossos avós.

E a Igreja Lusitana cresceu. E a Igreja Lusitana, animada pelo alvo a atingir e a necessidade de combater a influência de Roma, eivada de uma filosofia contrária ao Espírito do Evangelho, constituiu-se em oposição a essa mesma Igreja de Roma, contrapondo ao seu ritual e à sua doutrina, oriundas em parte de uma civilização pagã, um culto a Deus, baseado no puro Evangelho de Cristo, feito em uma liturgia, bela em a sua singeleza, sublime em o seu significado, clara em a sua compreensão.

Graças a Deus por esse punhado de homens, Cónego Pope, Rev. Cândido de Souza, Rev. Nunes Chaves, Rev. Ferreira Torres, Rev. Diogo Cassels, Rev. Santos Figueiredo e tantos outros que se finaram neste mundo, ligando a sua vida, cheia de sacrifícios e heroicas abnegações, a esta obra de restauração, germen dum Portugal maior, maior em o seu Amor pelo Salvador, maior em a sua obediência aos princípios da Paz e Concórdia, maior na firmeza da sua Fé.

Mas era necessário arrancar mais uma vez. Era preciso fazer mostrar ao nosso povo, entretido nas coisas materiais deste mundo, e esquecido, numa apatia que entristece, num comodismo que póde desanimar os seus dirigentes, que esta obra tem de continuar, tem de se impôr, tem de vencer. O PRIMEIRO CONGRESSO DA IGREJA LUSITANA MARCARÁ UM NOVO PERÍODO NA HISTÓRIA DESTA IGREJA. A junção dos crentes, a união de todas estas almas entusiastas por um mesmo fim, de todos os valores, de todas as personalidades da Igreja, é necessária à sua vida para a compreensão mais nítida da sua missão, para a realização mais perfeita de todos os seus objectivos. Bem hajam todos os que, vendo a necessidade de trabalhar, derem a este concurso a sua valiosa cooperação, estando presentes no Congresso, em um espírito pleno de oração, com a alma vibrante de entusiasmo no ardor sublime da sua Fé.

É urgente, na verdade, fazer movimentar essa juventude, que não quer pensar nos valores espirituais e se entretém no ócio da discussão precoce dos

problemas que perturbam o mundo; é urgente agitar a grei femenina, que pensa, algumas vezes, que poderá ficar aparte do trabalho da Igreja, quando, tantas vezes, constitúe a sua mola principal, na arte da Igreja, na influêcia dum lar cristão, na educação de seus filhos, na inspiração de seus maridos, nas obras femeninas pròpriamente ditas, auxiliares tanto da Igreja, tais como confecção de roupas para pobres, obra social para raparigas, etc., etc.; é urgente despertar, emfim, todos os crentes para que compreendam cada vez mais a necessidade de todos trabalharem, de todos se dedicarem com afan à obra do Reino de Deus, à obra da Sua Igreja. «BRILHE A VOSSA LUZ DIANTE DOS HOMENS, PARA QUE ELES VEJAM AS VOSSAS BOAS OBRAS E GLORIFIQUEM A VOSSO PAI QUE ESTÁ NOS CEUS» (S. Mat., V: 16).

Que as nossas palavras ecõem lá fóra, nos meios descrentes, e façam vibrar as almas sedentas de luz, a-fim-de aceitarem Cristo como seu Salvador e juntarem os seus esforços aos nossos, nêste combate sacrossanto por Cristo, pela Sua Igreja e pelo nosso querido Portugal.

EXCURSÃO A SINTRA E CASCAIS

Com o interessantíssimo trajecto triangular: Lisboa-Sintra-Cascais-Lisboa, realizar-se-há, durante o Primeiro Congresso da Igreja Lusitana, na manhã de sábado, 24 de Junho, uma excursão na qual poderão tomar parte todos os congressistas que o desejarem. Espera-se que muitos se aproveitem desta oportunidade de visitarem os mais belos lugares e conhecerem os mais lindos panoramas dos arredores da Capital. O preço desta excursão deve ser de cêrca de Esc. 12\$00 por pessoa, mas a Comissão Organizadora do Congresso, no intuito de facilitar a todos os congressistas a sua participação nêste belo passeio, fixou o seu custo em Esc. 10\$00, ficando o excesso por sua conta. É, porém, necessário que as pessoas que desejam tomar parte nesta excursão se inscrevam desde já, enviando os seus nomes e Esc. 10\$00 a qualquer dos membros da Comissão organizadora ou Sub-Comissão do Norte, visto que a Comissão Organizadora tem de comunicar à «C. P.», com uma antecedência de 20 dias, o número exacto de excursionistas. A viagem será feita: de Lisboa a Sintra, em comboio ordinário; de Sintra a Cascais, em camionette, e, de Cascais a Lisboa, em comboio eléctrico (Serviço Combinado). Não perca a oportunidade de um passeio tão belo e tão económico!

O VALOR ESPIRITUAL QUE PÓDE TER O NOSSO CONGRESSO

por Josué Ferreira de Souza Júnior

À medida que se apròxima a data da realização do Primeiro Congresso da Igreja Lusitana, aumenta gradualmente o entusiasmo dos crentes.

Vai em mais de duas centenas o número de pessoas que já hoje estão prestando a sua atenção a êste empreendimento. Uns estão preocupados com a sua organização; outros, com a elaboração de teses e de comunicações, e, finalmente, outros estão pensando na sua deslocação à Capital, a-fim-de assistirem às suas sessões.

Tudo isto revela dedicação, trabalho e interêsse da parte dos filhos de Deus, e constitúe, só por si, motivo para elevarmos desde já ao Senhor os nossos corações agradecidos, por dentro da Sua Igreja haver estas manifestações de vida.

Mas a actividade e o entusiasmo que se ausculta terá por escopo a ostentação, isto é, o desejo de homens atraírem sôbre si a atenção doutros homens?

Será a vaidade o sentimento que está agitando os homens, forçando-os a esta labuta?

Deus tal não permita! Se qualquer dos sentimentos acima fôsse a dinâmica que impulsionasse os homens a prestarem o seu concurso ao nosso Congresso, não poderíamos contar com o valiosíssimo e imprescindível auxílio do Senhor para esta ideia em marcha.

Não. Cada Crente, cada colaborador, aplica a si próprio as palavras do Apóstolo S. Paulo: «Mas nunca Deus permita que eu me glorie senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo».

A ideia que preside à realização do nosso Congresso tem por alvo a glorificação de Deus na Terra; contribuir para uma mais estreita comunhão dos crentes entre si e dêstes com o Senhor; aproveitar os empreendimentos úteis e que visem a uma maior expansão do trabalho da Igreja Lusitana; criar uma oportunidade de edificação espiritual dos crentes e de ensejo ao despertar duns e revigoração doutros no trabalho do Mestre e nosso Salvador, Jesus Cristo.

Se, em linhas gerais, são êstes os objectivos do Primeiro Congresso da Igreja Lusitana, que, uma vez alcançados, trarão aos homens e à igreja cristã copiosas bênçãos, resta que cada um de nós aproveite esta oportunidade para mostrar aos nossos compatriotas a formosura da Fé cristã, genuinamente evangélica, da religião de Cristo, sem adulterações nem mutilações, tal como Êle

a prègou e ensinou, tal como a praticaram os nossos antepassados, aqueles que viveram na éra apostólica, nos primórdios do cristianismo; por conseguinte, da religião na sua pureza, abraçada e confessada por aqueles que compunham a antiga Igreja Lusitana, da qual a nossa Igreja hoje é a continuadora na obra de evangelização dos portugêses.

Teremos oportunidade de ouvir falar do trabalho da nossa Igreja, tanto sob o ponto de vista religioso como social, da sua obra cristianizadora e nacionalista dos nossos irmãos de raça.

São, portanto, grandes as vantagens de ordem espiritual que o Primeiro Congresso nos oferece, e queira Deus que muitos as aproveitem, porquanto isso só contribuirá para a sua felicidade, se relativa na terra, absoluta e completa no Céu.

Não descensem de implorar a descida do Espírito Santo sôbre o Primeiro Congresso da nossa Igreja, para que os resultados sejam de grande valor espiritual para cada crente individualmente, para cada congregação e para a Igreja Lusitana em geral, não esquecendo que o glorioso impulso que a Igreja Apostólica obteve, residiu precisamente neste facto: A DESCIDA DO ESPIRITO SANTO SOBRE ELA.

Algumas Características da Primitiva Igreja Lusitana

- 1.^a Era independente da Igreja Romana, da Igreja Espanhola e de tôdas as outras igrejas estrangeiras, mas vivia em comunhão e amizade com tôdas elas.
- 2.^a Era Católica e Ortodoxa na sua Fé e Doutrina.
- 3.^a Era severíssima contra a idolatria. — Não permitia pinturas nem imágens nas igrejas.
- 4.^a Estava sujeita às Sagradas Escrituras, que constituíam a sua Regra de Fé e de Conduta.
- 5.^a Era austera na sua disciplina moral.
- 6.^a Exigia dos fieis, em geral, e mormente dos eclesiásticos, um nível de vida que os distinguisse nitidamente do mundo pagão que os rodeava.
- 7.^a Os eclesiásticos (bispos, presbíteros e diáconos) podiam casar.

- 44 — José Luiz Júnior - Lisboa.
- 45 — D. Aida Soeiro - Gaia.
- 46 — D. Maria dos Santos - Gaia.
- 47 — Nicolau Taylor Vianna - Cova da Piedade.
- 48 — Henrique Vergílio Macêdo Alves de Azevêdo - Lisboa.
- 49 — José Vasco - Lisboa.
- 50 — D. Violet Hall de Figueiredo - Lisboa.
- 51 — Harold M. Flower - Pôrto.
- 52 — Alfredo Guilherme Nogueira Cardoso - Gaia.
- 53 — D. Maria Fontes Tavares Cardoso - Gaia.
- 54 — D. Maria de Souza Marques - Pôrto.
- 55 — Álvaro de Oliveira - Pôrto.
- 56 — D. Lavínia Augusta de Figueiredo - Lisboa.
- 57 — D. Meniza Esperança Santa Rita - Lisboa.
- 58 — D. Maria Esperança Santa Rita - Lisboa.
- 59 — Guilherme Augusto Coutinho - Gaia.
- 60 — D. Maria Luíza da Câmara Lemos - Lisboa.
- 61 — António Joaquim Fabião - Lisboa.
- 62 — D. Conceição da Silva Fabião - Lisboa.
- 63 — D. Dália da Silva Nobre - Lisboa.
- 64 — D. Severa das Neves - Chamusca.
- 65 — Manuel Baptista Vasco - Lisboa.
- 66 — Domingos Ramos Custódio - Lisboa.
- 67 — D. Laura da Conceição Teixeira de Moura - Gaia.
- 68 — Henrique Soares de Moura - Gaia.
- 69 — Silvestre Affonso - Lisboa.
- 70 — Joaquim Santa Rita - Lisboa.
- 71 — D. Maria dos Anjos Lopes Santa Rita - Lisboa.
- 72 — João Pedro dos Santos Figueiredo - Lisboa.
- 73 — David José Alves Baudouin - Lisboa.
- 74 — D. Maria José dos Santos Baudouin - Lisboa.
- 75 — D. Palmira Fernanda Bastos Silva Ribeiro - Lisboa.
- 76 — Teófilo Pinto dos Santos - Lisboa.
- 77 — João Rodrigues Alexandre - Valbom (Gondomar).
- 78 — D. Albina Veríssima Teixeira - Valbom (Gondomar).
- 79 — D. Adelina Malheiro Pereira - Gaia.
- 80 — João da Costa Magalhães Caldas - Gaia.
- 81 — Henrique Pinto Lopes - Pôrto.
- 82 — D. Guida Wilson Cláudio de Souza - Lisboa.
- 83 — António Heleno - Lisboa.
- 84 — D. Claudina Rosa da Silva Simões - Lisboa.
- 85 — Fernando Hartwich Nunes - Lisboa.
- 86 — D. Maria Nazaret de Almeida - Lisboa.
- 87 — D. Hilda Rodrigues Nunes - Lisboa.
- 88 — D. Palmira dos Anjos Merello - Lisboa.
- 89 — D. Amália da Conceição Lopes - Lisboa.
- 90 — D. Francisca dos Santos - Lisboa.
- 91 — D. Antónia Rodrigues - Lisboa.
- 92 — D. Alda da Conceição Albuquerque - Lisboa.
- 93 — Jacinto Domingos Coelho - Lisboa.
- 94 — D. Amélia Ramos Custódio - Lisboa.
- 95 — D. Silvina Henriques Simões - Lisboa.
- 96 — D. Ana Rosa Pereira - Gaia.
- 97 — José da Silva Guita - Golegã.
- 98 — D. Maria Isménia da Silva Guita - Golegã.
- 99 — D. Albertina da Silva - Lisboa.
- 100 — D. Maria do Rosário Teixeira - Lisboa.
- 101 — D. Maria do Carmo Lopes da Ressurreição - Lisboa.
- 102 — D. Maria Cândida da Piedade - Lisboa.
- 103 — D. Ana Luiza Chaves Castello Branco - Amadora.
- 104 — Vasco Sampaio Castello Branco - Amadora.
- 105 — Eurico Jorge Merello de Figueiredo - Lisboa.

- 106 — António Pereira David - Pôrto.
107 — D. Laura Assis Fortuna - Pôrto.
108 — D. Júlia Assis Fortuna - Pôrto.
109 — D. Idalina Maria Osório - Gaia.
110 — Joaquim Teixeira Osório - Gaia.
111 — D. Maria dos Anjos Merello de Figueiredo - Lisboa.
112 — D. Júlia Merello - Lisboa.
113 — D. Gracinda Maria da Silva Fevereiro - Lisboa.
114 — Armando Lino - Lisboa.
115 — D. Júlia Malhõa Carvalho Matteus - Lisboa.
116 — D. Rita da Silva Ferreira - Pôrto.
117 — D. Ana Gonçalves Reis Queiroz - Gaia.
118 — Joaquim Francisco da Costa Queiroz - Gaia.
119 — D. Albertina de Almeida Nogueira - Gaia.
120 — Rev. Augusto Nogueira - Gaia.
121 — D. Maria Júlia Pinheiro Dias - Gaia.
122 — D. Emília de Jesus Coutinho - Gaia.
123 — D. Hermínia da Silva - Gaia.
124 — D. Inácia Marques Daniel - Gaia.
125 — D. Virgínia Casal Peres - Gaia.
126 — Francisco António Martins Peres - Gaia.
127 — D. Maria José dos Santos - Lisboa.
128 — D. Eliza Shirley de Saint Maurice - Lisboa.
129 — D. Maria da Piedade Rodrigues - Lisboa.
130 — Joaquim Pinto de Almeida Júnior - Gaia.
131 — Emílio Pinto de Almeida - Gaia.
132 — António Amândio Fernandes - Lisboa.
133 — D. Ernestina Ferreira - Lisboa.
134 — D. Adelina Rodrigues - Lisboa.
135 — Armando Gonçalves - Lisboa.
136 — D. Deolinda Mattos Sequeira Gonçalves - Lisboa.
137 — D. Etelina de Mattos Sequeira - Lisboa.
138 — Defensor de Souza — Azevêdo - Campanhã (Pôrto)
139 — Manuel Ferreira de Souza — Azevêdo - Campanhã (Pôrto).
140 — D. Cecília de Abreu Martins - Lisboa.
141 — D. Etelvina da Conceição Rodrigues Amaro - Lisboa.
142 — D. Natalina Alcântara Carreira - Lisboa.
143 — D. Leopoldina Júlia de Almeida - Lisboa.
144 — D. Maria da Conceição Costa Lemos - Lisboa.
145 — D. Maria Augusta Xavier Ravasini - Lisboa.
146 — José António Júnior - Lisboa.
147 — D. Ana Pais Sobral - Lisboa.
148 — D. Ricardina Sanches - Lisboa.
149 — D. Duartina Rodrigues Araújo - Lisboa.
150 — Josué Joaquim de Almeida - Lisboa.
151 — João da Silva Campos - Pôrto.
152 — D. Mercêdes Vilar Macêdo - Pôrto.
153 — Marcelino Caldas Macêdo - Pôrto.
154 — Joaquim Pereira de Pina Cabral - Gaia.
155 — D. Rosa Maria Lopes - Lisboa.
156 — D. Eliza Aurora da Silva Ramos Vieira Barata - Lisboa.
157 — D. Maria Fernanda Simões Vasco - Lisboa.
158 — Júlio da Silva Coelho - Lisboa.
159 — D. Aurélia Pereira Tapada - Lisboa.
160 — António Miguel de Lima Pinheiro - Lisboa.
161 — D. Berta Roeder Nunes - Lisboa.
162 — Egydio Mendonça Bellinge da Matta - Lisboa.
163 — D. Fernanda Lopes Mendes - Lisboa.
164 — Ismaél Camelo Bellinge da Matta - Lisboa.
165 — D. Josabeth Camelo da Matta - Lisboa.
166 — D. Júlia Duarte Ferreira Custódio - Lisboa.
167 — D. Julieta Gomes Lino - Lisboa.

- 168 — D. Leopoldina de Almeida Cunha - Lisboa.
- 169 — Marcos Newington Camelo Bellinge da Matta - Lisboa.
- 170 — D. Palmira da Conceição Paulo - Lisboa.
- 171 — D. Virgínia Newington Camelo da Matta - Lisboa.
- 172 — D. Joana Lopes Mendes - Lisboa.
- 173 — D. Carolina Pena - Lisboa.
- 174 — D. Albertina Paz dos Santos Serra - Lisboa.
- 175 — Abraão dos Santos Ernesto Serra - Lisboa.
- 176 — D. Amélia dos Santos Serra - Lisboa.
- 177 — D. Maria Coelho Rodrigues - Lisboa.
- 178 — D. Carlota Correia - Lisboa.
- 179 — D. Sara de Deus Correia - Lisboa.
- 180 — D. Maria de Jesus Abreu - Lisboa.
- 181 — Manuel Joaquim Santa Rita - Lisboa.
- 182 — D. Emília Lôpo - Lisboa.
- 183 — D. Jesuína de Almeida - Lisboa.
- 184 — D. Florinda Rodrigues Almeida Bellinge da Matta - Lisboa.
- 185 — Tomás Emídio de Carvalho Ribas - Lisboa.
- 186 — João Faria Tôrres - Matozinhos.
- 187 — D. Lídia Pinheiro Torres - Matozinhos.
- 188 — Francisco Maria Martins - Lisboa.
- 189 — D. Casímiria Ferreira Ribeiro - Lisboa.
- 190 — D. Rosa Celeste Rodrigues de Almeida - Lisboa.
- 191 — D. Victória Lavínia de Lemos Pedroso - Lisboa.
- 192 — D. Esperança M. Pedroso Safera da Costa - Lisboa.
- 193 — Rev. José Pereira Martins - Setúbal.
- 194 — D. Ada Etelvina Ferreira Martins - Setúbal.
- 195 — Eliezer Pereira Ferreira Martins - Setúbal.
- 196 — D. Josefa da Silva Teodoro - Setúbal.
- 197 — Diamantino da Silva Teodoro - Setúbal.
- 198 — José Gomes - Setúbal.
- 199 — Policrato Campos - Setúbal.
- 200 — D. Lucinda Miranda Campos - Setúbal.
- 201 — José Raminhos Parreira - Alcácer-do-Sal.
- 202 — D. Rosalina Augusta Frota - Alcácer-do-Sal.
- 203 — Alberto Joaquim da Fonsêca Rato - Alcácer-do-Sal.
- 204 — João Gregório - Lisboa.
- 205 — D. Ruth Northcott - Lisboa.
- 206 — Edmundo de Souza - Setúbal.
- 207 — António Martins de Oliveira - Lisboa.
- 208 — Raúl Arbiol Júnior - Lisboa.
- 209 — D. May Cassels Gregory - Pôrto.
- 210 — Pastor Ramón Ruíz Valera - Jerez de la Frontera, Cádiz (Espanha).
- 211 — D. Laura Moreton - Lisboa.
- 212 — Joaquim da Silva - Pôrto.
- 213 — D. Maria da Piedade Bastos Silva - Pôrto.
- 214 — Rev. Armando Pereira Araújo - Gaia.
- 215 — D. Josefa Araújo - Gaia.

Dirigimos aqui um apêlo a tôdas as pessoas que tencionam inscrever-se para o fazerem dentro do mais curto praso.

A Igreja Lusitana e a Instrução Pública

Mapa demonstrativo do número de alunos matriculados nas escolas sustentadas pela Igreja Lusitana e do resultado dos exames oficiais no Ano Lectivo de 1937/1938

	Alunos matriculados	EXAMES OFICIAIS			
		3. ^a classe	4. ^a classe	Admissão aos Liceus	Admissão a Escolas Industriais e Comerciais
«Escola Evangélica do Torne». Fundada em 1868. Anexa à Igreja Lusitana Evangélica de S. João Evangelista — Torne — V. N. de Gaia....	293	37	3	—	—
«Escola Evangélica Lusitana». Fundada em 1876. Anexa à Igreja Lusitana Evangélica de S. Paulo — Rua das Janelas Verdes, 2 — Lisboa..	60	6	6	—	—
«Escola Evangélica do Candal». Fundada em 1882. Anexa à Igreja Lusitana Evangélica do Bom Pastor — Candal — V. N. de Gaia.....	130	13	7	—	—
«Escola Evangélica do Bomfim». Fundada em 1890. Anexa à Igreja Lusitana Evangélica do Redentor — Rua Barão de Cosme, 223 — Pôrto,....	84	16	12	—	—
«Colégio Lusitano». Fundado em 1894. Anexo à Igreja Lusitana Evangélica do Espírito Santo — Setúbal....	8	1	1	—	—
«Escola Evangélica do Prado». Fundada em 1901. Anexa à Igreja Lusitana Evangélica do Salvador do Mundo — Devezas — V. N. de Gaia...	120	17	7	2	2
«Colégio Lusitano». Fundado em 1907. Anexo à Igreja Lusitana Evangélica de Cristo. Lugar do Outeiro — Oliveira do Douro — V. N. de Gaia.....	52	9	4	—	—

Total de alunos matriculados: 747 — Total de aprovações 143

Nenhuma destas escolas recebe qualquer subsídio oficial, sustentando-se apenas dos donativos de alguns Amigos da Instrução, do produto de «Quermesses» anuais e da gratidão de antigos alunos. Os seus 19 professores observam em tudo os programas oficiais. Alguns desses professores não recebem qualquer subsídio e os restantes recebem no seu total 53.280\$00 escudos anuais (Esc. 4.440\$00 por mês), o que bem representa a sua abnegação patriótica.

Algumas destas escolas também prestam assistência médica e fornecem vestuário e livros aos alunos pobres. A Escola do Torne tem ainda uma Cantina Beneficente, onde aos alunos mais necessitados são servidas algumas refeições.

A IGREJA LUSITANA E A IMPRENSA

Os membros da Igreja Lusitana puderam ter a visita de um número único, dedicado ao Primeiro Congresso desta Igreja, editado pela Comissão Organizadora d'êste Congresso, e que tem por fim não só fazer criar o entusiasmo e o ambiente para o grande movimento de fôrças que êste Congresso constitúe, mas também estimular todos os interessados na Igreja de Cristo a pensarem nesta necessidade imperiosa, nêste elemento indispensável para a vida de uma obra, que é a Imprensa. Uma pequena revista, um humilde jornal sem pretensões, um periódico, nem que seja de seis em seis meses, une os crentes, une as energias, — aquece as almas, dá alegria, favorece o entusiasmo pelo trabalho e faz-nos conhecer os elementos de valôr que, muitas vezes, passam despercebidos, porque não têm ambiente para se desenvolverem. A falta que faz um órgão da nossa Igreja há muito que se faz sentir entre nós. | Quantas conversas a êsse respeito; quantas sugestões nas reuniões Sinodais; quantos empreendimentos começados, quantos desânimos!... Tivemos órgãos de grande expansão em Portugal, órgãos nossos oficiais, o Evangelista e o Cristão Lusitano; órgãos organizados por membros da Igreja Lusitana e para o serviço da Igreja Evangélica em geral, como, por exemplo, a Luz e Verdade; órgãos da Igreja Lusitana, mas particulares, como a Reforma, o Bom Pastor e a Igreja Lusitana. Podemos dizer que ainda hoje estamos a sentir os frutos d'êste trabalho, porque não é raro encontrarmos amigos que nos falam com saúde d'êstes periódicos, e nos instigam a prosseguir, a continuar trabalhando na Imprensa Evangélica.

E as vontades erguem-se! E começam por desaparecer os primeiros obstáculos; e os encarregados da redacção fazem o possível e o impossível: o jornal está escrito; mas esbarra-se com um muro, por vezes intransponível — a falta de meios para o pôr em letra de imprensa. E porquê? Porque é que uma Igreja, que possúe perto de um milhar de membros, entre comungantes e aderentes, não tem tido últimamente os meios suficientes para manter um elemento indispensável ao seu desenvolvimento?

Um elemento que é duma necessidade tão grande, tão imperiosa!

É possível que ainda não tivéssemos pôsto isto diante dos membros, ou êstes, na labuta diária — neste corropio que é a luta pela vida, pelo pão de

todos os dias — se esqueçam às vezes das coisas espirituais, dos assuntos das nossas Igrejas. Mas mais uma vez pomos êste problêma diante de todos, em verdade e em realidade — com a franqueza que deve caracterizar sempre as nossas atitudes. Se quisermos colhêr, temos de semear. Se falamos de um Portugal maior, para Cristo, temos de evangelizar. E êste trabalho pede dedicação, pede boa vontade, pede às vezes sacrifício do nosso bem estar, de um certo número de comodidades que temos de pôr de parte. A nós, anima-nos a convicção que se amanhã o Sínodo puser em prática um Boletim como êste que agora pomos diante do público da Igreja Lusitana, todos os membros de tôdas as nossas Igrejas contribuirão, com um desejo vivo, para que a obra continúe e não morra por falta de alimento material.

E dentro em breve, muito em breve, havemos de ter, assim o pensamos, em nossas casas, como visita certa, um boletim que será o órgão animador do trabalho da Igreja Lusitana.

Deus nos há-de ajudar. Com espírito de oração ponhamos êste nosso desejo nas Suas mãos, e com humildade e em tôda a confiança, esperemos que esta nossa iniciativa seja por Êle muito abençoada.

ESCLARECIMENTOS AOS CONGRESSISTAS DA PROVÍNCIA

Mediante a apresentação do seu bilhete, todo o congressista tem direito a uma redução de 50% no preço da viagem em caminho de ferro, nos comboios da «C. P.», em qualquer classe e em qualquer comboio. A viagem de vinda pôde fazer-se de 20 a 24 de Junho, e a de regresso de 25 a 28.

Os congressistas que o desejarem podem encarregar a Comissão Organizadora de lhes arranjar pensão e alojamento. Os preços das diárias, em pensões decentes, são de 15 a 30\$00 escudos, e, em hotéis, de 30\$00 escudos para cima.

Na manhã de sábado, 24 de Junho, haverá uma excursão recreativa com o trajecto triangular: Lisboa-Sintra-Cascais-Lisboa. A inscrição nêste passeio será apenas de Esc. 10\$00 para os congressistas. Vêr notícia na página 15 dêste número.

Os distintivos e programas do Congresso serão distribuídos em Lisboa pela Comissão Organizadora.